Escola, memória, criatividade e poesia – A educomunicação e as artes

Maria Cristina Castilho Costa

Doutora em Ciências Sociais pela FFLCH-USP, livre-docente em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professora associada 3 da ECA-USP, coordenadora do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da USP e autora do livro A Censura em Cena, publicado pela Edusp e Imprensa Oficial.

E-mail: criscast@usp.br

Resumo: Ao apresentar a nova edição, a autora utiliza poesias inspiradas na escola e na educação para demonstrar que a escola não é um espaço destinado apenas ao desenvolvimento científico e da racionalidade, mas, principalmente, à elaboração da subjetividade, ao aprimoramento do potencial psicológico dos alunos, ao despertar da cidadania e à emergência de potencialidades e vocações. A arte, a criatividade, a livre expressão e a subjetividade devem fazer parte necessária e integrante de suas atividades e, há 20 anos, a revista *Comunicação & Educação* vem trabalhando no sentido de, não só reafirmar esses princípios, como apresentar saídas, recursos e experiências que facilitem o cumprimento deste que é um dos mais importantes objetivos da educação.

Palavras-chave: educação; escola; revista *Comunicação & Educação*; apresentação.

Abstract: In the new edition, the author uses poetry inspired by school and by education to demonstrate that the school is not only a space to develop science and rationality, but mainly to develop subjectivity, to improve the psychological potential of students, to awake citizenship and to emerge potentiality and vocation. Art, creativity, free expression and subjectivity are necessary or integral part of their activities and, twenty years ago, the *Communication & Education Journal* has been working to not only reaffirm these principles, but also to present outputs, resources and experiences that facilitate the accomplishment of the most important goals of education.

Keywords: education; school; *Communication & Education Journal*; presentation.

Já fui coisa

Escrita na lousa

Hoje sem musa

Apenas meu nome

Escrito na blusa

O mestre gira o globo

Balança a cabeça e diz

O mundo é isso assim

Livros alunos aparelhos

Somem pelas janelas

Nuvem de pó e giz

Paulo Leminski, no livro
Caprichos e relaxos

As palavras só tem sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos.

Rubem Alves¹

*Minha escola primária...
Escola antiga e antiga mestra.
Repartida em dois períodos
Para a mesma meninada,
Das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
[...]*

“A Escola da Mestra Silvina”, Cora Coralina

*[...] Na saliva na garganta
na palavra escrita primavera
na capa de um caderno antigo
do Grupo Escolar Polidoro Santiago de Timbó
andarilho de linhas esquecidas tortas velhas trilhas
datas de nascimento e burlescos aniversários
andarilho andorinha
em ziguezague na festa
na face de Deus.
[...]*

“O poema do andarilho”, Lindolf Bell

*[...]
Houve um tempo em que a escola
Era uma casa de aprendiz de amor à pátria.
Os muros eram feitos de melado e rapadura.
A professora tinha lábios de sorvete de morango
E o hino nacional era cantado à marsehesa
Ao pé do mastro onde a bandeira tremulava
Como um troféu entre as muralhas da Bastilha.
[...]*

“Aquele tempo era de açúcar”, de Afonso Estebanez Stael

1. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/poemas_sobre_a_educacao>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Início a apresentação deste volume da revista *Comunicação & Educação* com trechos de poesias inspiradas na escola e na educação, no dia a dia escolar e na rotina da vida estudantil, porque há muito percebo, em minhas leituras, que essa etapa de nossa vida deixa marcas indeléveis. Essa percepção se acentuou quando, anos atrás, pude coordenar as festividades de centenário de uma das escolas mais antigas de São Paulo, o Colégio Elvira Brandão, fundado em São Paulo, na Alameda Jaú, na década de 1940, época de intolerâncias racial e religiosa no Brasil e no mundo. Progressista, o “Elvira Brandão”², como o chamamos, reunia meninos e meninas; católicos, judeus e árabes, brasileiros e filhos de imigrantes, numa política pedagógica democrática, tolerante e voltada para a formação de uma educação sólida. Com a expansão da população e da região central de São Paulo, o colégio, como outros na mesma época, mudou-se para a região sul da cidade e foi lá que comemorou seus 100 anos de idade. Ex-professora de história e sociologia da escola, fui convidada a participar da organização das comemorações e, para isso, desenvolvi o projeto “Memória”, que consistia em registrar depoimentos de ex-alunos, ex-professores e ex-funcionários que visitavam a nova sede trazendo fotos, velhos cadernos e suas lembranças. Com esses registros, realizamos um vídeo que trazia de volta e reconstruía, através de falas e imagens, o antigo prédio e o dia a dia dos estudantes em décadas anteriores. Pois bem, realizando esse projeto, fiquei bastante tocada com a afetividade que os ex-alunos demonstravam em relação à escola. Mesmo aqueles que haviam sido crianças indisciplinadas e que se lembravam de punições às suas algazarras, falavam dessas memórias com grande prazer e carinho. A escola se mostrou, realmente, passados os anos, lugar privilegiado de sincera amorosidade.

Complementando essas impressões, hoje, participo nas redes sociais de grupos de ex-alunos de colégios onde estudei ou onde ministrei aulas e, igualmente, percebo uma grande afetividade em relação às experiências escolares, às relações estabelecidas com professores e colegas e, não raro, testemunho declarações de intensa gratidão e saudade para com o tempo de escola. Tais registros acentuam essa certeza: a experiência escolar é fundamental na formação de nossa personalidade, na organização de nossa vida profissional e na elaboração de nossa sociabilidade, de nossas referências afetivas e de nossa história.

Decidi iniciar essa apresentação por tais considerações porque, como professora responsável, na Escola de Comunicações e Artes da USP, por disciplinas como “Mídia e Sociedade” e “Arte, Mídia e Sociedade”³, fico tentada, mais uma vez, a demonstrar que a escola não é um espaço destinado apenas ao desenvolvimento científico e da racionalidade, mas, principalmente, à elaboração da subjetividade, ao aprimoramento do potencial psicológico dos alunos, ao despertar da cidadania e à emergência de potencialidades e vocações. Claro que, para cumprir com tão complexo e diversificado objetivo de forma eficiente, os meios utilizados devem ser igualmente diferenciados. A arte, a criatividade, a livre expressão e a subjetividade devem fazer parte necessária e integrante

2. Elvira Brandão era o nome de sua fundadora, uma professora especializada na preparação de alunos para os processos seletivos de ingresso em outras escolas e que resolveu, de forma pioneira, abrir seu próprio ginásio dedicado a meninos e meninas.

3. Disciplinas obrigatórias do curso Licenciatura em Educomunicação do Departamento de Comunicações e Artes, da Escola de Comunicações e Artes da USP.

de suas atividades. Tais princípios vêm sendo lembrados e explicitados não só em artigos e publicações científicas, mas também em romances e roteiros cinematográficos que mostram o papel importante da escola em possibilitar experiências subjetivas e afetivas determinantes nos rumos dos acontecimentos que enfrentam os personagens destas obras. Mesmo sendo numerosos os exemplos, quero destacar um filme – *Vermelho como o céu* – o qual relata a história de um garoto que, tendo se tornado praticamente cego em um acidente, passa a frequentar uma escola destinada a deficientes visuais. Lá, superando suas dificuldades físicas, consegue desenvolver sua criatividade elaborando sensíveis narrativas através de recursos sonoros. Nessa tentativa de interpretar o mundo através de outras formas de percepção e sensibilidade, Mirco, o protagonista, explica a cor azul, da qual se lembra, como sendo *semelhante ao vento que bate no rosto quando se anda de bicicleta*⁴.

Como esse, outros filmes e romances mostram e enfatizam a função da escola no despertar de sensibilidades múltiplas, capazes de permitir o desenvolvimento de potencialidades e a superação de dificuldades. Há 20 anos, a revista *Comunicação & Educação* vem trabalhando no sentido de não só reafirmar esses princípios, como apresentar saídas, recursos e experiências que facilitem o cumprimento deste que é um dos mais importantes objetivos da educação. Vejamos então o que o volume que ora lhes apresento traz nesse sentido – fazer da escola um espaço de interdisciplinaridade, múltiplas linguagens, liberdade de expressão e criatividade. Esta apresentação, entretanto, vai reunir os diversos textos de acordo com sua familiaridade temática e não conforme aparecem no Sumário e nas seqüência de Seções. Sendo esta uma publicação *on-line*, esta opção parece justificável.

EDUCOMUNICAÇÃO

Ismar de Oliveira Soares nos traz um artigo no qual, como grande protagonista da consolidação da Educomunicação no Brasil e no exterior, recupera a história de surgimento, afirmação e reconhecimento dessa nova área do conhecimento que alia Comunicação e Educação. Ressalta a importância da América Latina nesse cenário e, em especial o I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação, realizado em São Paulo, em 1998.

O mesmo autor traz mais informações para os leitores interessados na construção e consolidação da Educomunicação. Com o título de “Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação”, Soares nos apresenta a coleção de livros da Editora Paulinas sobre o tema. Com cinco títulos de autores nacionais e internacionais, aborda desde a Gestão da Comunicação em Espaços Educativos até Epistemologia da Educomunicação.

Ainda no campo da Epistemologia, a revista publica o ensaio de Divina Frau-Meigs, “Transletramentos: operar a transição digital e o domínio da cultura da informação”. Professora da Universidade Sorbonne, Paris III, Frau-Meigs

4. *Vermelho como o céu*. Itália, Cristiano Bortone, 2006, 1h36min.

explica o conceito de transletamento – um processo híbrido de vários processos de “educação para..”. Procurando desviar de questões que contrapõem conteúdo à técnica e informação à postura crítica, a autora analisa as propostas atuais trazidas pelas culturas da informação. Nesse novo modelo, as questões se renovam e exigem uma ruptura epistemológica que envolve cognição e conexão que superam antigas polaridades. O texto de Frau-Meigs está na seção Artigo Internacional.

FOCANDO A CIDADANIA

A prática da educomunicação tem como um de seus objetivos mais importantes o desenvolvimento da cidadania e o estímulo a uma participação consciente do jovem na sociedade. Diversos artigos do presente número da revista *Comunicação & Educação* debruçam-se sobre o tema. “Mídias escolares: a cidadania na prática da educomunicação” é o título do texto de autoria de Valdir José Morigi, Francisco Zarpelon Corrêa e Joel Felipe Guindani. No artigo, analisam-se as diversas dimensões da cidadania, mostrando a importância da comunicação na atualidade, constitutiva da *Cidadania comunicativa ideal*, ou seja, projetos de transformação social postos em movimento através de uma prática comunicacional sistemática. Exemplo desse tipo de projeto é o AlemRede, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre.

Mercês Pietsch Cunha Mendonça, Iolene Lobato e Carlla Barbosa de Moraes são as autoras do texto “Espaços educativos na perspectiva da educação integral”, no qual abordam as possibilidades dos espaços urbanos, não destinados prioritariamente ao ensino, servirem à prática educativa. Com base na observação de experiências nesse sentido, as autoras demonstram as possibilidades, necessidades e interesse de que os processos de aprendizagem extrapolem os limites da sala de aula, ganhando a cidade e cumprindo o que educadores como Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira defenderam em suas propostas. O texto elaborado por elas aparece na seção Experiência.

Buscando também ampliar o conceito de educação e de cidadania, Vinícius Souza e Maria Eugênia Sá, fotógrafos, jornalistas e documentaristas, abordam em “Por uma ponte entre o campo e a sala de aula”, as possibilidades de se apresentar aos estudantes imagens que a grande mídia comumente não divulga. “Realidades e invisibilidades midiáticas” é o título da proposta de trabalho que já tem 15 anos, na qual procuram trazer registros da realidade para o público através de palestras, *blogs* e salas de aula. A experiência desses pesquisadores está na seção Depoimento.

CIDADANIA, MEMÓRIA E DIREITOS HUMANOS

A entrevista deste número da revista *Comunicação & Educação*, realizada por Cláudia Nonato, é com Simone Pereira, uma das coordenadoras

da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), projeto desenvolvido pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que visa a democratização da educação. Destinado principalmente aos membros do MST e a outros estudantes vindos de outros movimentos sociais do Brasil e do exterior, a ENFF encara a educação como um direito, cujo objetivo é a formação de consciência crítica e o preparo para a militância. São diversos níveis de ensino que vão da alfabetização ao mestrado realizado com diferentes instituições universitárias, havendo uma grande preocupação com a área da comunicação, considerada essencial para a compreensão da sociedade e para a atuação do movimento.

Ainda nessa linha de priorizar a cidadania e a visão crítica da realidade, temos o texto de Maria Aparecida Baccega e Felipe Corrêa de Mello: “Memória, comunicação e cultura: o diálogo entre o Memorial da Resistência do Estado de São Paulo e o campo escolar”. Destinados à pesquisa, coleta, conservação e comunicação de memórias para a reconstituição de importantes períodos históricos, os memoriais desempenham relevante papel na defesa da cidadania. Como afirmam os autores, o principal objetivo do que escrevem é mostrar que os memoriais constituem mídias fundamentais de uma cultura democrática e de respeito aos direitos humanos. São eles que, servindo a funções educativas e atuando junto às escolas, testemunham momentos de violência, repressão e resistência, muitas vezes esquecidos da história oficial e da prática rotineira da formação escolar. Esse texto está na seção Crítica.

HQS, CINEMA E TELEVISÃO

Ao lado dessas importantes reflexões sobre a Educomunicação, sua epistemologia e objetivos educacionais e políticos, há, neste volume da revista *Comunicação & Educação*, ensaios que trazem experiências e análises sobre as mídias e os produtos mediáticos, acompanhadas de justificativas sobre como e por que introduzi-los na prática educativa. Na tentativa de mostrar que as múltiplas linguagens abrem novas possibilidades de expressão para os estudantes, além de aproximar a escola do dia a dia dos alunos, Alan Bonner da Silva Costa e Edson Pereira da Silva nos contemplam com artigo no qual analisam *Niquel Náusea*, conhecida revista em quadrinhos brasileira. Através da análise do discurso, mostram aos leitores que as tirinhas podem ser usadas para ilustrar teorias científicas, bem como despertar o senso crítico dos alunos.

Leda Tenório da Motta e Márcia do Carmo Felismino Fusaro, autoras de “Cinema e Educação: reflexões e interfaces”, procuram mostrar, com base nas teorias desenvolvidas por Gilles Deleuze, a pertinência de se utilizar na prática educativa o documentário de Alain Resnais, *Toda a memória do mundo* (1956). Nesse trabalho, conforme discorrem no texto, as autoras consideram que Resnais realiza uma ampla e densa reflexão sobre o conhecimento.

Também relacionando cinema e educação, Claudia Mogadouro nos contempla com o texto “*O Menino e o Mundo – O simples e o complexo na mesma obra*”. A autora se debruça sobre este filme de animação dirigido pelo brasileiro Alê Abreu, vencedor do Festival de Annecy, na França, em 2014. Mogadouro salienta ser o filme uma obra humanista e densa que “mostra a complexidade do mundo por meio de um desenho simples de menino”.

Por fim, Maria Ignês Carlos Magno nos coloca diante do filme brasileiro *Não por acaso*, dirigido por Philippe Barcinski. Evocando Mario de Andrade, a autora de “Deslocamentos poéticos pela cidade de São Paulo” analisa essa obra que tem na cidade-título um de seus protagonistas. Sobre o cenários dos intensos fluxos urbanos, as histórias dos demais personagens se desenrolam.

Do cinema, vamos para a televisão. Sílvia Góis Dantas elabora interessante resenha sobre o livro *Estratégias de transmidiação na ficção televisiva brasileira*, volume 3 da Coleção Teledramaturgia, que apresenta os resultados da pesquisa colaborativa realizada ao longo de 2012 e 2013 pela Rede de Pesquisadores Brasileiros da Ficção Televisiva Obitel-Brasil. Trata-se de importante contribuição desse grupo de autores, sob liderança de Maria Immacolata Vassallo de Lopes, que buscam trabalhar o conceito de transmidiação, o qual, nesta obra, diz respeito a produção, distribuição, circulação e recepção da ficção televisiva, assim como a um novo engajamento do consumidor/usuário na trama ficcional.

ESCOLA E PRODUÇÃO RADIOFÔNICA

Ana Luisa Zamboni Gomes é a autora de “A parceria e a cooperação como dispositivos de gestão de redes temáticas de rádio”. Também ela está interessada em fluxos, mas, em vez dos fluxos urbanos da metrópole, Gomes analisa o Projeto OBORÉ, criado em 1990, prevendo a divulgação pelas emissoras de rádio de matérias criadas para estimular a abordagem de temas de interesse público, tais como educação, saúde, direitos humanos e igualdade social. A autora desenvolve projeto de intervenção para uma melhor gestão dessa rede temática de rádio que se realiza através de parcerias entre a OBORÉ e as emissoras de rádio. O Projeto de Intervenção foi apresentado como requisito para o Curso de Especialização em Gestão da Comunicação, da ECA-USP.

MAIS POESIA

Finalmente, para terminar esta apresentação como a começamos, isto é, com poesia, indicamos o texto “Um poeta pelas margens”, de Adilson Citelli sobre o poeta Chico Alvim. Segundo Citelli, o poeta cria, em diálogo com autores como Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, o poema curto, o poema-piada, fazendo uso da linguagem coloquial e cotidiana. Em “Carnaval”, o poeta diz:

*Sol
Esta água é um deserto
O mundo, uma fantasia
O mar, de olhos abertos
engolindo-se azul
Qual o real da poesia?*

Assim, começando por poesia e com ela terminando, expressei minha convicção de que com ela se faz boa educomunicação.